

Sophia de Mello Breyner Andresen

# NAVEGAÇÕES

prefácio de  
Eucanaã Ferraz

ASSÍRIO & ALVIM



Sophia de Mello Breyner Andresen fotografada por João Cutileiro

## NAVEGAÇÕES: A VEEMÊNCIA DO VISÍVEL

Em *Navegações*, mais uma vez a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen caminha de mãos dadas com o mar, presença fundamental em toda a sua obra. E, outra vez, a natureza confunde-se com sua historicidade. Aqui, os poemas trazem à cena a gesta ultramarina empreendida pelos portugueses ao longo do que se convencionou chamar expansão marítima, mas também a própria experiência de Sophia como viajante, e de modo mais ou menos explícito, as andanças de outras personagens arrancadas de tempos e situações diversas, como o mítico Preste João, o célebre nauta Bartolomeu Dias e os poetas Luís de Camões, Jorge de Sena e Fernando Pessoa<sup>1</sup>. Assim, os poemas de *Navegações* formam, de um modo muito livre, uma narrativa de viagem, ou de *viagens*.

Em discurso proferido durante a entrega do Prémio do Centro Português da Associação de Críticos Literários, atribuído a *Navegações*, Sophia relataria a gênese de seu livro<sup>2</sup>. Viajava rumo a Macau quando, ao sobrevoar a costa do Vietname, viu a paisagem marinha e pensou «naqueles que ali chegaram sem aviso prévio, sem mapas, ou relatos, ou desenhos ou fotografias que os prevenissem do que iam ver».

<sup>1</sup> Ao final deste volume, constam notas em que Sophia explicita os nomes daqueles invocados pelos seus versos.

<sup>2</sup> O texto lido por Sophia encontra-se reproduzido aqui, nas pp. 63-64.

## LISBOA

Digo:

«Lisboa»

Quando atravesso — vinda do sul — o rio

E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse

Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna

Em seu longo luzir de azul e rio

Em seu corpo amontoado de colinas —

Vejo-a melhor porque a digo

Tudo se mostra melhor porque digo

Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência

Porque digo

Lisboa com seu nome de ser e de não-ser

Com seus meandros de espanto insónia e lata

E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro

Seu conivente sorrir de intriga e máscara

Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata

Lisboa oscilando como uma grande barca

Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência

Digo o nome da cidade

— Digo para ver

1977